Contributos para uma reflexão sobre a formação de professores

A falta de professores nas escolas recentrou o debate na atratividade da profissão, na qualificação e valorização dos docentes e na sua formação inicial, temas complementares e que requerem uma reflexão séria. Sem retirar o olhar sobre os restantes tópicos, este dossiê incide na formação inicial de professores.

Estando o mundo em permanente mudança e a braços com os impactos de uma pandemia – que acelerou a transição digital e trouxe a lume algumas novas realidades –, estará a formação inicial de professores a dar resposta às atuais necessidades da profissão? Com o intuito de melhorar a qualidade do ensino e da educação, a formação inicial deve dar aos futuros professores as ferramentas necessárias para que possam dar início ao exercício da profissão com o máximo de competência, ajudando os alunos a compreender as matérias e a desenvolver pensamento crítico.

Estudo. O "Perfil Académico e Profissional de Professores do Ensino Superior que Asseguram a Formação Inicial de Professores" – estudo apresentado em abril pelo EDULOG, think tank da Fundação Belmiro de Azevedo para a educação – concluiu que "muitos dos docentes, formadores de professores, que asseguram UC [unidades curriculares] relacionadas com o exercício docente/ prática curricular de ensino-aprendizagem-avaliação possuem o doutoramento e têm habilitações académicas ajustadas à natureza das UC que lecionam".

No entanto, "cerca de um terço do total destes docentes não tem formação no ramo educacional e apresentam perfis académicos desajustados à natureza de algumas das componentes de formação. Esta situação ocorre, predominantemente, ao nível das Didáticas Específicas (situação que se verifica em cursos que habilitam para os diferentes níveis de escolaridade), mas também ao nível da Área Educacional Geral (no caso das IES [instituições de Ensino Superior] públicas que habilitam para a docência nos primeiros seis anos de escolaridade) e da Iniciação à Prática Profissional/Prática de Ensino Supervisionada (no caso das IES público que habilitam para a docência no 3.º CEB [Ciclo do Ensino Básico] e ensino secundário)", lê-se no documento.

O estudo alerta ainda que "as referências a formação e experiência de docência nos ensinos básico e/ou secundário são em número relativamente baixo e ocorrem, predominantemente, nas IES politécnico. Como é sabido, no subsistema de ensino superior politécnico está prevista a categoria 'professor especialista' que tem como intenção proporcionar possibilidades de, neste caso, docentes com experiência de escolas há menos de 5 anos trazerem para os cursos de formação profissionalizante a experiência da própria profissão. Não existindo esta categoria profissional no IES universitário, espera-se, no entanto, que o contacto com as realidades escolares e do exercício docente seja proporcionado através da investigação ou das atividades de extensão à comunidade". O estudo deixa diversas recomendações, designadamente, o reconhecimento da importância da formação inicial de professores e a da afetação de docentes com investimento na progressão da carreira. Acrescenta como recomendável o delineamento de "estratégias institucionais que permitam o envolvimento dos estudantes/futuros professores em ambientes que propiciem o desenvolvimento de competências de investigação sobre o campo educacional geral e o exercício da docência em particular" e também a perspetivação de "formas de envolvimento institucional ativo dos docentes, formadores de professores, que não tenham formação académica de base no ramo educacional, em atividades de desenvolvimento profissional relacionadas com o exercício da docência nos níveis escolares para os quais estão a formar".

Auscultação. A falta de professores nas escolas, o envelhecimento da profissão, o abandono de docentes qualificados, a contratação de profissionais sem formação adequada, a falta de atratividade da profissão – são problemas que há muito vêm sendo assinalados e não são alheios à preocupação sobre que professores queremos e são necessários hoje nas escolas.

É, então, mais do que tempo de refletir sobre a formação inicial de professores e os temas que a envolvem. Para tal, a PÁGINA questionou vários professores, em diversas situações profissionais: Manuela Simões (professora de Matemática, Ensino Secundário, Agrupamento de Escolas de Valadares), Maria João Couto (diretora do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Nuno Fadigas (professor de Filosofia, Ensino Secundário, Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Cerveira), Preciosa Fernandes (coordenadora da comunidade prática de investigação: Currículo, Avaliação, Formação e Tecnologias educativas [CAFTe], CIIE / Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto), Ricardo Cerqueira (professor de Guitarra, Ensino Artístico Especializado, Conservatório de Música do Porto) e Rosa Antónia Ferreira (diretora do Mestrado em Ensino de Matemática no 3.º Ciclo do Ensino Básico/Secundário, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto).

Maria João Leite (entrevistas)



MANUELA SIMÕES

Professora de Quadro, 62 anos de idade, 40 de serviço

OS TEMPOS NÃO SÃO FÁCEIS, MAS AS POSSIBILIDADES SÃO FASCINANTES

Na sua opinião, que modelos de formação vão atualmente ao encontro das necessidades da profissão?
A formação de professores inclui um número significativo de dimensões a que precisamos atender. Tradicionalmente, tanto quanto sei, continuamos a ter a formação dividida entre a inicial, a cargo das instituições de Ensino Superior, e a contínua, a cargo, sobretudo, dos centros de formação das escolas. Na minha perspetiva e conhecimento, a formação inicial continua, em muitos casos, com uma forte componente académica, centrada em mais e mais conhecimento científico, muitas das vezes afastado dos conteúdos a abordar no ensino não superior. Não quero com isto dizer que não ache determinante na preparação de um professor uma forte componente científica, pelo contrário, mas sou crítica em relação à forma como ela é veiculada, com demasiado formalismo e abstração, sem atender à metodologia e/ou didática com que os conteúdos devem ser explorados junto de um público mais jovem, que necessita ser cativado e motivado para a curiosidade e desafio. Mesmo as componentes mais didático/pedagógicas são trabalhadas, na maior parte do tempo, longe do que serão os contextos reais dos futuros professores e, assim, sem oportunidade de vivenciar a realidade junto dos alunos. A prática de ensino supervisionada é curta e não permite, sequer, que os futuros professores se foquem apenas na vida escolar, dado que esta prática é acompanhada de solicitações das instituições superiores que não permitem uma dedicação a tempo inteiro. Considero, assim, que a parte da formação inicial que ocorre em contexto real é mais do que insuficiente. O trabalho do professor não ocorre desligado do seu contexto; conhecer o contexto escolar, a cultura organizacional e funcional, o modo como as diversas componentes interagem e se complementam é determinante para a integração do futuro professor.

Que desafios existem hoje que não existiam antes para a classe docente? A formação contínua dá resposta a esses desafios?
Atualmente, os desafios de ser professor são tão mais alargados e diversos que dificilmente poderão ser colmatados pela formação contínua. Mesmo que a oferta de formação tente cobrir as necessidades, o professor de hoje não consegue disponibilizar tempo para atender a tão amplas e diversas solicitações. Com turmas enormes, impelido a diferenciar estratégias e a encontrar formas de apoiar tantos modos distintos de aprendizagem, com horários repletos, divididos entre componentes letiva e não letiva (mas que envolvem o contacto com os alunos) e um sem número de burocracias, muitas vezes sem que se visualize alguma utilidade, o professor esgota-se. Sobra pouco tempo para a absorção, apropriação e reflexão sobre tanta mudança e desafio.

Que conhecimentos e competências são hoje mais valorizados ou mais necessários?
As necessidades de formação para a sociedade contemporânea reclamam uma aprendizagem ao longo da vida. O papel do professor passa por ajudar os alunos a adquirirem as competências que a sociedade reclama. Assim, não só ele tem de aprender a aprender, como tem de ajudar os seus alunos a fazê-lo. Torna-se necessária a capacidade de estabelecer empatia com todos os alunos, apoiando-os e motivando-os incessantemente, e de reconhecer os diferentes perfis de aprendizagem e propor estratégias que possam adaptar-se às características de cada um. Isto, num contexto de turmas enormes, de alunos sem qualquer estrutura ou apoio familiar, carenciados, desmotivados e, muitas vezes, ansiosos e assustados. A formação de professores deverá procurar, também, que os professores reflitam sobre o que para muitos é já uma evidência – a ampliação dos espaços e tempos de trabalho do professor e dos alunos – para, a partir daí, delinear formas de potenciar o que melhor se pode fazer em cada um deles, integrando-os de forma coerente e consistente. Algo que não se absorve de um dia para o outro.

A falta de candidatos à profissão não põe em causa a qualificação dos professores? Justifica-se que, esgotadas as opções, se procurem professores sem a formação adequada?
Nada justifica que se baixe o nível de exigência para exercer a função docente. Os alunos merecem que assim seja. E as

dimensões a que a formação de um professor deve atender são muito variadas. Parece claro que para levar os alunos a aprender não basta saber transmitir, embora esse saber tenha o seu lugar, só que não é suficiente. E mesmo para transmitir, envolver e motivar, não chega conhecer os conteúdos académicos.
Assim, não podemos esperar que os problemas relativos à falta de professores venham a ser resolvidos, pretensamente, cometendo um erro ainda maior. Sabia-se há muito que tendíamos para esta situação; os sistemas educativos tinham de estar atentos e ouvir as vozes dos professores no terreno.

A escassez de candidatos aos cursos para a docência deve-se a que motivos? E como atrair as novas gerações para a profissão?
Se a dimensão e diversidade de desafios que se colocam à profissão não fossem suficientes para dissuadir possíveis candidatos a professores, acrescem condições de trabalho pouco favoráveis: baixos salários, tempo de trabalho muito para lá do formalmente estipulado nos horários, colocações em locais muitos distantes, sem qualquer ajuda de custo... Para referir apenas alguns. Entretanto, nas escolas, os professores estão envelhecidos, cansados, desgastados por esperarem deles sempre mais, em condições sempre pouco favoráveis. Basta pensar no que aconteceu (está a acontecer) durante a pandemia, quando as soluções para uma brutal disrupção da forma de trabalho tiveram de ser encontradas em pouco mais de um fim de semana. E foram! Cansados por dois anos letivos em que o calendário escolar foi alterado, diminuindo a um limiar quase insustentável de pequenas pausas letivas. Desmotivados por uma carreira a cujo topo muitos deles não conseguirão chegar, congelados quase eternamente em patamares intermédios. Não me interpretem mal. Eu escolhi ser professora e é o que quero continuar a ser! Apenas penso que, sem uma forte vocação, será difícil passar por cima de todos os aspetos apontados. Assim, para uma maior captação de candidatos considero que são determinantes: melhores salários, subsídios de deslocação para quem fique colocado longe da sua habitação; maior reconhecimento social do papel determinante do professor; distribuição do tempo mais eficaz, centrada no trabalho letivo, mas também em trabalho de preparação de aulas e de materiais inovadores; turmas menores (isso fará com que sejam necessários mais professores, mas melhorará a qualidade do trabalho); escolas equipadas e condições efetivas de progressão na carreira.

Qual o papel dos professores mais antigos na formação e socialização profissional dos novos? Existe 'passagem de testemunho' geracional?
Nas escolas há muito poucos professores novos; pelo menos na minha, situada num grande centro urbano. A maioria deles são colocados temporariamente, não chegando a criar grande ligação com os restantes colegas ou com a escola, tornando difícil qualquer passagem de testemunho. Lamento muito que assim seja. Se fossem contratados mais professores jovens, poderiam ser acompanhados pelos mais experientes, que teriam no seu horário tempo destinado a esse efeito. Os jovens sentir-se-iam mais apoiados e mais facilmente integrados na cultura da instituição.

O que espera do futuro da profissão docente?
Apesar do que fica dito poder dar uma imagem pessimista, a verdade é que me sinto fortemente desafiada pelo contexto atual. Não são fáceis os tempos para os professores, mas que as possibilidades são fascinantes, são! Aprendi que, como em outras áreas, o professor forma-se ao longo do seu longo percurso. Hoje, quando trabalho com os alunos, sinto-me mais apta e mais apaziguada com as minhas opções. Continuo a ter dúvidas e hesitações quanto ao que é melhor em cada situação, mas aprendi a viver com isso de forma serena, como algo que faz parte da minha profissão e do seu fascínio. E o leque de experiências ao longo do meu caminho abriu-me perspetivas; o mundo digital permite criar recursos e ambientes de aprendizagem inovadores que quero explorar e conhecer. Só gostava mesmo de ter mais tempo e um pouco mais de descanso, que a idade vai pedindo.

Novos desafios

"Alunos mudaram; todos nós já mudámos. No espaço de poucas décadas, os modos e tempos de trabalho modificaram-se tremendamente. Hoje, quase todos vivemos de maneira diferente, fazemos coisas de maneira diferente, fazemos outras coisas. Basta olhar para o nosso quotidiano para perceber que gerimos os nossos tempos e espaços de outra forma. Muitas das profissões atuais não existiam quando eu estudava; algumas delas nem entendo bem de que constam. Têm em comum uma componente fortemente tecnológica a apelar a um conjunto de competências relacionais e comunicacionais que não são as que a escola, na sua forma tradicional, mais ajuda a desenvolver. Os alunos de hoje, nascidos num contexto digital e criados num mundo em mudança constante e acelerada, chegam à escola com experiências diferentes das gerações anteriores e esperam um ensino diferente e mais interessante.

Universo social dos alunos alargou-se. As recorrentes crises económicas, com sérias consequências sociais, abalaram muito a estrutura familiar e, por isso, há cada vez mais alunos provenientes de contextos sociais complicados e famílias não estruturadas. A crise pandémica fez aumentar ainda mais as dificuldades para essas famílias e são cada vez mais os jovens que sofrem de crises de ansiedade – os adolescentes querem olhar para o futuro, mas sentem que cada vez é mais difícil encontrar caminhos e motivação, num contexto em que viver autonomamente parece ser, em muitos casos, algo distante. A isto alia-se uma situação mundial complexa: crise climática, guerra... O que cria uma sensação de incerteza e insegurança, fazendo da atual geração uma geração em que o horizonte possa parecer pouco sedutor e não consiga ter uma imagem clara do que poderá ser o futuro.

Sala de aula plural e alargada. A sala de aula de hoje é mais plural, com alunos provenientes de origens muito diferentes e muitas vezes de partes do mundo diversas. Estão habituados a estar imersos em tecnologia e permanentemente conectados. As plataformas digitais permitem que o contacto entre professores e alunos ocorra para lá do espaço (físico e temporal) da aula, mas essa via requer uma maior disponibilidade dos professores."



NUNO FADIGAS

Professor Contratado, 48 anos de idade, 16 de serviço completos (desde 1998)

SÃO POUCOS OS PROFESSORES QUE ESTÃO ALEGRES NAS ESCOLAS

Que formação inicial devem ter os professores? Os modelos existentes vão ao encontro das necessidades da profissão?
A complexidade que hoje existe nas escolas, o seu funcionamento, a quantidade de tarefas burocráticas, muitas delas inevitáveis, obrigam a que o professor não seja apenas um comunicador de ciência, uma espécie de divulgador científico que chegue a uma aula e diga ludicamente umas coisas sobre uma determinada matéria. É preciso muito mais; é preciso, por exemplo, atender aos contextos sociais dos alunos, às dificuldades que eles têm e que deles são herdados. E isso implica, obviamente, conhecimentos ao nível da sociologia da educação, da psicologia da educação, da própria pedagogia, de filosofia da educação... Na minha opinião, todos estes domínios fazem parte de uma formação inicial de professores que se pretenda séria e de qualidade. Repare-se que o currículo foi recentemente reestruturado e, com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória [PASEO], é muito enfatizada, e bem, a vertente da cidadania. Nós temos, inclusive, um ministério que se intitula 'da Educação' e não 'do Ensino'. Se assim fosse, seria fácil resolver o problema: punha-se um divulgador da área a falar e os problemas dos alunos, independentemente da sua interferência no seu sucesso escolar, seriam irrelevantes, porque o professor só teria de ensinar. Mas a nossa tarefa não é essa, é educar. O ensino é apenas uma parte da educação. E é precisamente por isso que a formação inicial não pode declinar o contacto com disciplinas sociais e humanas que sempre estiveram ligadas à educação.

O Ministério da Educação pretende rever os modelos de formação inicial. É uma medida necessária e urgente?
Em parte, sim. É preciso fazê-lo e, sobretudo, não declinar os aspetos que referi. Há semanas saiu um estudo muito curioso que dizia que muita da formação inicial é feita por professores que não têm experiência direta na área de ensino, ou seja, nunca lecionaram no Ensino Básico ou Secundário, o que é uma conclusão preocupante. Eu próprio já fiz formação de professores e, confesso, só tinha tido um ano de lecionação como professor no Ensino Secundário. Tenho consciência de que aquilo que teria hoje para dar, em termos de formação inicial, era muitíssimo mais do que na altura, porque, estando a lecionar já há duas décadas, conheço relativamente bem o sistema de ensino e, portanto, sei hoje muito mais na área. Se, efetivamente, continuamos a ter pessoas na formação de professores que têm tão somente uma ligação académica aos assuntos escolares, a formação acaba por ser excessivamente teórica. A educação vive muito do exemplo. Um professor que seja só teoria, que não transporte para as aulas casos práticos, muitos deles vividos na primeira pessoa ou por interpostos colegas, acaba por fazer uma formação inevitavelmente pobre e necessariamente descontextualizada. Por mais emoldurada que esteja por quadros teóricos, a ponte cognitiva do exemplo terá um impacto muito mais significativo.

Precisamente, esse estudo do EDULOG [Perfil académico e profissional de professores do Ensino Superior que asseguram a formação inicial de professores] também revelou que um terço desses docentes-formadores não têm formação no ramo educacional. Era uma situação previsível?
É sobretudo uma situação preocupante. E não desvalorizando, docentes com doutoramento (que também tenho), mas com experiência direta diminuta, lecionação inclusive, no contexto para que estão a formar – escolas do Ensino Básico e Secundário. É minha opinião que quem forma professores deve ser, tanto quanto possível, alguém não apenas com formação inicial de professores, mas também com experiência no Ensino Básico e Secundário. A experiência dos professores é um capital que só por irracionalidade se pode declinar. É uma passagem de testemunho.

A escassez de candidatos à profissão justifica recrutar professores sem formação adequada? Não põe em causa a qualificação dos professores?
Como já referi, e ressalvo o exagero, não é de divulgadores científicos que as escolas precisam. Um professor não pode ser alguém que sabe apenas muito sobre uma dada matéria e a debita. Isto seria, aliás, inconsequente com o modelo

curricular que temos neste momento, pró-educacional. Mas também não creio que sejam necessárias reformas muito significativas. Importa, sobretudo, polir a formação que já existe, garantindo, por exemplo, que quem a faz saiba, experiencialmente e com o devido enquadramento científico, do que está a falar. E por que não, remunerar o estágio pedagógico, como acontecia antigamente, e era justo, já que havia um serviço efetivamente prestado à comunidade? Tenho colegas que não puderam fazer o estágio e abandonaram a possibilidade do ensino porque não tinham meios para o fazer. E assim se perderam muitos potenciais professores, alguns que queriam mesmo sê-lo... Enfim, a falta de professores é um fenómeno cuja constatação mediática (só hoje) daria vontade de rir, não fosse a tragédia que representa. Como disse, lecionei na formação inicial de professores. Nessa altura, 2001-2003, não havia falta de candidatos e os anfiteatros até estavam bastante completos. Voltei lá em 2006 e, qual a minha surpresa, os anfiteatros tinham ficado vazios. Se os alunos concluíam a sua formação e não tinham emprego... Ou seja, falta de planificação. Nessa altura perguntei-me: ninguém vê o que está a acontecer? Indiscutivelmente, há culpados nesta história!

A que se deve a escassez de candidatos aos cursos de professores?
Ao que acabei de dizer, por exemplo. Quando as pessoas ouvem sistematicamente que 'o meu tio' ou 'a minha prima' tiraram o curso e não têm colocação... Os miúdos ouvem isso. Eu próprio tenho vivido a minha experiência docente com intervalos sem colocação absolutamente injustificados e nem sequer estou na carreira. Sou professor contratado, tenho agora 48 anos e ando nisto há mais de 20! A indisciplina, de que muitas vezes se fala para justificar a falta de professores, sendo importantíssima, não é a mais relevante. Qualquer professor sabe que vai ter de lidar com grupos de 20-30 alunos; e formam-se para esse efeito. Existem, de facto, problemas gravíssimos de indisciplina, e não estou a negá-los. Mas a instabilidade... Ninguém quer ir para um trabalho onde existe uma instabilidade permanente. E o que vemos da parte da tutela? Duas atitudes completamente díspares, a oscilar entre a casuística e o calculismo. Ou seja, ou se tomam medidas ah doc, e de repente põe-se qualquer um a ensinar uma disciplina qualquer (viu-se recentemente no caso das TIC), ou se fazem todas as contas possíveis e imaginárias para efetivar o mínimo possível de professores – porque um professor eternamente contratado fica muito mais barato; como se por trás de cada professor não existisse uma pessoa, com família e com aspirações a fazer uma carreira...

O que pode ser feito para atrair as novas gerações para a profissão?
Tornar a carreira apetecível. E isso começa por não haver 'tampões' ao longo da carreira, por fazer com que a chegada ao 10o escalão seja um objetivo alcançável – que não é, neste momento. Este é o estado real da situação: não haver uma política concertada, não haver uma reflexão clara, e continuar a olhar-se para isto com insensibilidade... Ouvem-se coisas bonitas sobre a profissão, fazem-se aberturas de anos escolares com eventos mediáticos, mas, em termos práticos, estão sempre a tirar-nos o chão. A minha vida continua a ser planificada a 12 meses e, às vezes, nem isso, se o horário for temporário. Acham que eu quero as minhas filhas nisto? A resposta é simples...

A tendência deveria ser o contrário, já que, em breve, muitos professores vão para a aposentação...
Vamos ficar sem professores, claramente. Uma das coisas que aprendi com o Professor Adalberto Dias de Carvalho foi que o tempo da educação difere do tempo corrente e que os fenómenos educativos se estendem imensamente no tempo. Isso significa que quem trabalha na educação tem por responsabilidade saber dominar este fenómeno; não pode ser um qualquer burocrata ou tecnocrata a fazer este trabalho, tem de ser alguém que perceba o que é a educação, que saiba olhá-la por dentro e, inclusivamente, perceba que educação não é só escolas, cimento e armários. É muito mais do que isso. Tudo começa com o professor. Se o professor não estiver motivado, se não transmitir alegria... Neste momento, são poucos os professores que estão alegres no sistema: pela carga burocrática que existe, pelas questões da carreira, por estarmos todos os anos a lutar e sabermos que no final do ano vai sair mais uma lei avulsa a dizer se ficamos ou não... Esta é que é a realidade. E os alunos também sentem essas coisas. Em rigor, estamos a assistir a uma incongruência absoluta, entre um modelo todo voltado para a educação, do ponto de vista curricular, e o mais importante dos recursos (humano), uma máquina de ensino, cuja única preocupação, à imagem da mais velha lógica funcionalista, é preencher grelhas, debitar informação, etc. E nem sonhar com estabilidade... Os problemas reais dos professores, no nosso país, são um fenómeno cuja culpa não morre solteira – vive solteira, e eterniza-se nessa condição.

Que desafios para a classe docente existem hoje e não existiam antes? E que conhecimentos e competências são hoje mais valorizados?
Um professor não é alguém que propriamente ensina. É, sobretudo, alguém que garante a aprendizagem. E para isso são precisas várias competências: as digitais são inevitáveis, num mundo onde as tecnologias são omnipresentes; as científicas são obviamente supostas; depois, existem várias competências ao nível das ciências sociais e humanas, como a sociologia e psicologia, que são absolutamente necessárias; e ainda as didáticas, que continuam a ser importantíssimas. Como disse, a formação inicial de professores não está propriamente mal. O que me parece fazer falta é, sobretudo, uma formação de professores com know how experiencial, além do académico, lecionada por docentes com experiência adquirida nas escolas.

Também falta muita valorização da profissão?
Falta mesmo! Eu também sou pai e fico extremamente preocupado se, num futuro próximo, as minhas filhas não tiverem professores ou tiverem tão somente aquilo a que apelido de fast teacher – alguém que foi formado em tempo recorde, porque não houve um acautelamento da situação, porque quem tinha responsabilidades olhou sobranceiramente para o professor, relativizando a sua função. Se um dia uma das minhas filhas tiver um problema escolar, quero que o seu professor seja capaz de a 'resgatar' para não se perder. Este é muito o nosso trabalho, um trabalho educacional e não apenas de ensino, que envolve empatia, muita ética e muita deontologia. Nós temos um currículo interessante, bem construído, com a ideia de perfil para o qual todas as disciplinas convergem. Até aí, nada a dizer. O que faz falta é, essencialmente, o resto: que os professores tenham tempo para trabalhar esse currículo, que tenham menos horas letivas e menos tarefas burocráticas, para conseguirem garantir que as coisas funcionam bem... É isto que está a faltar, uma visão articulada e holística da educação.

O que espera do futuro da profissão docente?
O que espero mais rapidamente é efetivar. Estou a falar em termos pessoais, como é óbvio.

Mas consegue olhar o futuro com algum otimismo?
Não. Nesta matéria não sou nada otimista. E quem me conhece sabe-me pragmático, dado à aceitação e, sim, otimista. Mas enquanto se continuar a oscilar entre a casuística e o calculismo, não vamos a lado nenhum. Os professores estão desgastados, exaustos, e não aguentam mais esta carga de trabalho. Costumo dizer que existem professores 'móveis', que

entram e saem, e professores 'mobília', que estão ali e que fazem parte da 'casa'. Eu sou um 'móvel'. E isto tem consequências. Por exemplo, este ano está em larga implementação um novo sistema de avaliação, por domínios, para o qual não fui formado, porque só cheguei no início do ano letivo a uma escola nova. Enfim, não estou nada otimista. Não, enquanto não vir os professores serem efetivamente ouvidos, considerados, uma voz ativa sobre o que se passa nas escolas, que precisam de uma coisa essencial: alegria. Almada Negreiros disse que a alegria é a coisa mais séria da vida; e já não há professores alegres nas escolas.



RICARDO CERQUEIRA

Professor de Quadro, 41 anos de idade, 20 de serviço.

NÓS, PROFESSORES, CÁ ESTAMOS PARA CONSTRUIR O FUTURO

Porque é que escolheu a profissão docente como projeto de vida?
Foi algo que foi acontecendo de forma quase orgânica, natural. Enquanto aluno, houve uma série de professores que me marcaram muito pela positiva, que foram sendo figuras realmente incontornáveis como exemplos. Também sou filho de professores, portanto, o ambiente em casa também terá favorecido esta decisão. E depois, tendo seguido o curso de guitarra no Ensino Superior, numa época em que havia realmente uma grande falta de professores, fui-me habituando a receber telefonemas a pedirem para lecionar aqui e acolá. Primeiro ia recusando, porque queria estar focado nos estudos, mas depois acabei por aceitar um dos convites e comecei a dar algumas aulas enquanto estudava – na altura, foram umas quatro ou cinco horas semanais, um horário em miniatura para essa primeira experiência. E de facto, foi dessa forma que comecei, muito devagarinho, nesse projeto de professor que eu era na altura... Esses convites foram-me empurrando e, nessa prática, fui descobrindo realmente que gostava de o fazer.

De uma forma geral, considera a profissão atrativa?
De facto, é difícil convencer as pessoas à minha volta de que esta é uma profissão atrativa, mas para mim continua a ser. Tenho um gosto muito grande pelo trabalho que faço com os alunos, o tipo de ensino em que estou envolvido também permite uma ligação muito próxima, mais pessoal, e é essa parte social e afetiva que, se calhar, também nos vai prendendo. Apesar de tudo, sinto que é algo que continuo a gostar de fazer e espero
poder fazer durante muito tempo. Também foi por sentir todos os ataques à profissão que me fui envolvendo no sindicalismo docente, para, no fundo, tentar dar voz aos problemas e arranjar soluções para eles.

Os modelos da formação inicial de professores vão ao encontro das efetivas necessidades da profissão?
Falando mais da minha área, acho que há uma grande heterogeneidade na qualidade que se vai verificando em vários sítios. Vou recebendo esse feedback de colegas de profissão de longa data que realizaram mais tarde os mestrados profissionalizantes, de meus ex-alunos ou de estagiários que tive oportunidade de orientar, que vão falando do tipo de formação que têm. Acabo sempre a tentar convencê-los de que aquilo que eles vão adquirir é realmente útil, porque muitas vezes a queixa é de que a formação pedagógica não vai ao encontro das suas necessidades ou não está de acordo com as suas expectativas. Esta formação mais geral não lhes dá resposta exata para o aluno X, mas dá uma visão mais ampla, mais global, e faculta ferramentas para nós próprios encontrarmos as soluções para cada aluno em concreto. Vou percebendo que a qualidade não é tão homogénea pela positiva quanto provavelmente deveria ser. Mas acho que faz sentido esta necessidade de formação, sem dúvida. No ensino da Música, e no campo do Ensino Artístico Especializado, há ainda falta de professores em algumas áreas. Há zonas do país ou certos instrumentos em que não há tantos professores quantos os necessários e há muitos jovens colegas que começam a dar aulas sem terem ainda habilitação profissional, como aconteceu também comigo. E, sobretudo para esses, acho que há alguns problemas que é preciso ir tentando mitigar, porque estão a dar aulas e têm tempo de serviço que, neste momento, nem sequer está a ser reconhecido... Até por isso, a necessidade de esses colegas fazerem formação que lhes garanta a habilitação profissional é, de facto, urgente.

A via de ensino é uma prioridade?
Neste universo da Música e do Ensino Artístico Especializado, aquilo que quase sempre apaixona as pessoas, e as leva a ingressar num curso superior, é a relação com o instrumento e a vontade de, de facto, fazerem música. A vontade de ser professor é algo que se vai construindo a pouco e pouco e acaba por surgir um bocadinho mais tarde. Então, muitas vezes, os mestrados mais virados para a performance, para a parte prática com o instrumento, acabam por ser uma primeira escolha para vários jovens alunos de Música. Depois, o mestrado que lhes garante a profissionalização na educação é algo que vai surgindo como necessidade e não tanto como um gosto tão intrínseco quanto poderia ser, ou quanto deveria ser. E aí começa a sentir-se, de facto, a desmotivação e a falta de atratividade da profissão. Fazendo as contas, os alunos começam a achar que o investimento para obter esse mestrado não vale a pena e começam a optar por outras áreas. Realmente, há muita gente com talento musical – até muita gente que se vê que tem talento e paixão pela profissão docente – que começa a ficar perdida e a sair desta rede que devíamos ir criando e que os alunos mereciam que fosse melhor acautelada.

Na Música há falta de candidatos aos cursos de professores?
Apesar de tudo, no Ensino Artístico Especializado, julgo que ainda não é tão premente esse problema. Desde logo, não há falta de professores nas escolas públicas existentes, até porque são muito poucas. Na rede particular vai havendo ainda algumas lacunas, mas vão sendo supridas por colegas que, às vezes, não têm habilitação profissional. E esses, sim, ficam expostos a condições de trabalho que, por vezes, são degradantes, no sentido em que o nível salarial fica demasiado baixo para aquilo que têm de desempenhar. E este fenómeno de desinteresse pela profissão, que se está a verificar muito noutras disciplinas com falta de professores, é um problema que há de cair também em cima dos cursos de Música, porque, de facto, começam a ver-se menos alunos interessados. Bem, há vários anos que muitos alunos acabam o curso secundário de Música e põem logo a hipótese de ir estudar a nível universitário para o estrangeiro, onde sabem que há mais oportunidades no meio artístico. Isto, num país em que há tão poucas orquestras, tão poucas salas de concerto com programação regular, tão pouca cultura em geral... Não que a universidade e os cursos universitários cá não tenham qualidade, é mesmo pelas ofertas mais aliciantes de vários países estrangeiros. E, portanto, desses jovens que começam a pensar o que fazer após o Ensino Secundário, creio que os melhores querem cada vez mais sair do país. Estamos a exportar excelentes músicos, quando deveríamos agarrá-los e dar-lhes, também, a oportunidade de serem professores... Temos de deixar de querer ser um país exportador de talento e de arranjar ferramentas para o podermos fixar.

Falando sobre a falta de habilitação adequada, reconhece a importância da formação inicial? Faz diferença?
Sim, sem dúvida. Naqueles primeiros anos em que fui dando aulas sem ter a devida formação, seguramente, os alunos que tive foram sofrendo dessa minha inexperiência e falta de formação. O que fui fazendo foi uma aprendizagem em tempo real, em vez de ter a formação adequada antes de começar a dar aulas, como deveria ter sido.

Que competências e conhecimentos são hoje mais valorizados?
Neste momento, são as competências digitais que estão a ser mais valorizadas, apesar de, na prática, na relação com os alunos, essas competências não serem, de facto, assim tão palpáveis e os seus benefícios não serem tão claros quanto isso. Os nossos alunos estão envolvidos num mundo cada vez mais etéreo, nesse sentido do digital, e, às vezes, trazê-los para este nosso lado é complicado. Portanto, nós temos de ir também para o lado deles e saber dominar o digital para conseguirmos comunicar de forma escorreita com eles. Mas julgo que, nas escolas, estas competências digitais são muito valorizadas mais numa lógica das tarefas burocráticas e menos numa lógica de ferramentas que vão auxiliar ou potenciar coisas que, de forma tradicional, não seria possível fazer. No caso concreto da Música, os tempos de pandemia vieram expor as fragilidades das ligações digitais. Num momento, estamos em aula a ensinar os alunos a ouvirem o instrumento, a sentirem o som e a perceberem a acústica e, de repente, vieram as aulas à distância. Foi um período longo em que, de facto, professor e aluno não ouviam a mesma coisa, porque não estavam no mesmo sítio. Por muito investimento que muitos professores tenham feito em melhores microfones e câmaras, para que o som chegasse a casa dos alunos com melhor qualidade, não é possível uma relação à distância, em tempo real, entre aluno e professor. Podemos conversar à distância e comunicar, mesmo que o som chegue um milionésimo de segundo depois (não haveria problema para a comunicação), mas para haver uma interação musical esse milionésimo de segundo muda tudo. A esse nível, foi um período duro: era possível eu ouvir o aluno e ele ouvir-me a mim, mas tocar com ele fica fora de hipótese quando estamos à distância.

Mas pode ser uma ferramenta útil em sala de aula?
Aquilo que o digital pode trazer em sala de aula é algo que os professores já faziam, de forma mais ou menos natural: usar exemplos em que o digital foi cuidado como obra de arte, usar alguma tecnologia para aproximar o aluno do mais belo que os grandes intérpretes puderam fazer. O digital terá seguramente muita coisa para dar, mas esta azáfama recente, creio eu, tem surgido mais para criar burocracia, mais trabalho contínuo aos professores e menos para abrir o mundo aos alunos. Nestes tempos em que se fala de forma cada vez mais focada no digital como sendo o futuro da educação, creio que temos já experiência para sermos cautelosos nesses passos. Quando saíamos de cada confinamento, em cada regresso à possível normalidade, aquilo que de mais mágico houve foi os alunos voltarem à sala e voltarem a ouvir o mesmo som que o professor, partilharem o mesmo espaço, todos com a vontade ou necessidade de desligarem um bocadinho dos computadores, do digital e do telemóvel em que estão, de facto, demasiado metidos hoje em dia.

Qual o papel dos professores mais antigos na formação e socialização profissional dos mais novos? No seu percurso, sentiu alguma passagem de testemunho entre gerações?
Tive a sorte de sentir isso quando cheguei à profissão e foi uma ajuda enorme para ficar mais confortável com esta profissão que fui escolhendo. Seguramente foram-me muito úteis para suprir algumas lacunas que eu ia sentindo, algumas inseguranças, alguma falta de formação que tinha nos primeiros anos. Julgo que, infelizmente, o excesso de trabalho que os professores cada vez mais sentem vai-lhes tirando tempo para estas conversas: a sala dos professores fica cada vez mais vazia, o tempo para falar com os colegas vai-se reduzindo ao mínimo indispensável e essa passagem de testemunho, neste momento, julgo que não está a ser realmente garantida, como deveria acontecer de forma natural.

Que expectativas tem em relação ao futuro da profissão docente?
Neste momento tão crítico que vivemos, com a falta de professores a ser finalmente notícia recorrente, esperava que o Ministério da Educação e o Governo tivessem, de facto, a educação como uma prioridade. Esperava que o investimento fosse levado para os níveis que a educação merece. E que fosse uma exigência que deixasse de ser apenas dos sindicatos, mas uma exigência da sociedade, por uma escola pública com qualidade, em que os seus professores sejam respeitados. De uma forma geral, acho que sentimos que somos respeitados pelos alunos e pelas famílias, mas, muitas

vezes, não temos sentido que somos respeitados por quem nos tutela. E neste momento tão crítico em que faltam professores, espero que o ministério tenha esta capacidade de olhar para nós, de nos ouvir, de dialogar de forma mais clara com os sindicatos e de procurar soluções que resolvam os problemas da profissão. Porque nós, professores, cá estamos para construir o futuro. Falem connosco, que nós cá queremos continuar.



MARIA JOÃO COUTO

Diretora de mestrado (Ensino de Filosofia), Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ESPERO A DEVIDA VALORIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE

Que tipo de formação devem ter os professores? Os modelos atuais vão ao encontro das necessidades da profissão?

Assumindo que a formação não se constrói por acumulação de conhecimentos ou de técnicas, mas através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção teórica permanente, a formação adequada para os professores dos diferentes níveis de ensino é, no meu entender, a que permite uma conjugação integrada de todas as componentes que a constituem (científica, pedagógica-didática, institucional e profissionalizante), investindo na dignificação da prática profissional como elemento fundamental da construção profissional e do desenvolvimento pessoal, mobilizando os propósitos de um projeto de formação partilhado. Será ainda pertinente distinguir diferentes planos de formação de professores, nomeadamente, de formação inicial e de formação contínua. Contudo, independentemente da consideração de outras variáveis importantes e da instituição preponente de determinado modelo de formação, é necessário encontrar formas de concretizar algo que é amplamente reconhecido, mas nunca conseguido – fomentar a articulação entre as diferentes instituições envolvidas (universidades, politécnicos, escolas, agrupamentos escolares e centros de formação) para o desenho e a concretização da atualização científica, da qualificação pedagógica e da (re)qualificação profissional.

O Ministério da Educação pretende rever os modelos da formação inicial de professores. É uma medida necessária e urgente?

A necessidade de rever os modelos de formação inicial dos professores é cíclica e, no meu entender, correta, resultando, naturalmente, das alterações sociais, culturais e políticas próprias das mudanças que visam renovação educacional e adequação profissional. Todavia, a urgência é já resultante de uma atitude de não planificação, não compreensível a nível institucional. A necessidade atual de professores em Portugal não é um acidente, nem decorre de fatores imprevisíveis. Mesmo que não se conseguisse identificar as necessidades ao pormenor, eram previsíveis. Agora, existe uma urgência em dar resposta a um problema grave de falta de professores, não compatível com a reflexão sobre o desejável e o necessário, mas tão somente sobre o possível, sobre as respostas possíveis e imediatas, o que acabará por ter consequências mais ou menos gravosas, a curto, médio e longo prazos, tal como acontece sempre que nos limitamos a reagir urgentemente.

Qual o papel das universidades neste processo?

Nesta área de especialização, a Universidade tem todas as condições para a concretização da atualização científica, da qualificação pedagógica e da (re)qualificação profissional, sempre em articulação com as outras instituições que concorrem para a formação de professores. Insisto na necessária articulação de diferentes atores e contextos – colaboração com as escolas, seminários e iniciativas conjuntas de professores –, com o propósito de agregar atividades de formação e trabalhos de investigação em torno da formação de professores e, simultaneamente, a prestação de serviços de formação e de animação do espaço público, cumprindo, assim, as finalidades da Universidade: investigação, docência e divulgação de conhecimento.

Segundo o 'Perfil académico e profissional de professores do Ensino Superior que asseguram a formação inicial de professores' (EDULOG, 2022), um terço desses docentes não tem formação no ramo educacional...

Era uma situação previsível? De que modo pode ser resolvida?
A atual desvalorização da profissão docente fragiliza e dificulta tanto a procura de cursos de formação de professores por candidatos com classificações mais elevadas como a assunção da responsabilidade dos cursos profissionalizantes por parte dos docentes universitários. Contudo, esta situação tem vindo a alterar-se nos últimos anos, sendo os mestrados profissionalizantes procurados também por candidatos já com o grau de mestre (e mesmo com doutoramento) noutras áreas científicas, precisamente no reconhecimento da necessidade de uma capacitação profissionalizante e, simultaneamente, na obtenção de um grau académico. O reconhecimento, no seio da Universidade, da importância dos mestrados em ensino também foi lento e desigual, mas é uma realidade que se alterou substancialmente nos últimos anos. Algumas medidas que ajudariam a responder a esta questão passariam pelo reconhecimento efetivo da tarefa de orientador cooperante; as dificuldades reais em captar orientadores de estágio radicam nas múltiplas tarefas que os professores desempenham nas escolas e na ausência de contrapartidas efetivas, por parte da tutela, que promovam a estabilidade na rede de professores e escolas cooperantes com as instituições de Ensino Superior. Este reconhecimento poderia concretizar-se numa redução proporcional da componente letiva e/ou na atribuição de créditos para efeito de progressão da carreira docente – esta medida permitiria maior disponibilidade dos professores cooperantes para atividades de coordenação e partilha no âmbito dos ciclos de formação. Por outro lado, a atribuição de uma bolsa aos estagiários estimularia a sua dedicação exclusiva, facilitando a sua integração na comunidade académica sem necessidade de recorrer a outras fontes de financiamento.

A escassez de candidatos à profissão justifica o recurso a professores sem a formação adequada? A qualificação dos professores não fica posta em causa?
A questão central encontra-se na resposta à questão anterior, e não tanto na falta de candidatos. Ou seja, nas condições de formação proporcionadas aos recém-formados e aos orientadores de estágio nas escolas, insuficientes para garantir a permanência dos mais competentes. A necessidade pode tornar compreensível, mas nunca justificará, e muito menos legitimará, essa opção. As condições reais de abandono da profissão docente pelos mais competentes estão igualmente relacionadas com as condições materiais necessárias a uma estabilidade desejada, como, por exemplo, os custos com a habitação e a mobilidade.

Quais os motivos para a escassez de candidatos aos cursos de professor? Como atrair as novas gerações para a profissão?
Nas respostas anteriores encontramos já indícios... Temos de insistir em alterações na formação que permitam não só recorrer a métodos de ensino e aprendizagem mais construtivos e mais centrados no trabalho em equipa, mas também desenvolver ações que respondam aos problemas éticos e às diferenças que ainda persistem no interior de muitas salas de aula; apelando, simultaneamente, ao desenvolvimento de hábitos de trabalho autónomo e de outras formas de avaliação, que permitam, eventualmente, uma formação de menor duração do que os atuais dois anos dos cursos de mestrado, sem diminuir os níveis de exigência e a qualidade da formação. A reflexão sobre a prática docente, é multi-referencial e complexa, exigindo tempo, dedicação e intencionalidade. Temos, ainda, de proporcionar melhores condições materiais e de fixação nos territórios mais carenciados de professores.

Que desafios se colocam hoje à classe docente que não existiam antes? Que conhecimentos e competências são mais valorizados?
Os professores são profissionais que, desde sempre, lidaram com desafios e alterações mais ou menos profundas e que sempre as integraram no exercício das suas funções. Veja-se a resposta notável que deram, nos diferentes níveis de ensino, em tempos de pandemia da covid-19. A questão está na mudança necessária da compreensão da atividade docente, sobretudo nos níveis de escolaridade obrigatória: a atividade de um professor não está, se é que alguma vez esteve, relacionada exclusivamente com o domínio científico. O compromisso social e humano do professor desenha-se, sobretudo, no compromisso com as pessoas dos estudantes, o qual, passando necessariamente pelo rigor e atualização dos seus conhecimentos e pela integração institucional, se encontra no estímulo à aprendizagem e na valorização do conhecimento como meio de transformação e mudança. Mas encontra-se, igualmente, na valorização das pessoas, no reconhecimento dos seus anseios e medos, das suas expectativas e desejos, transmitindo-lhes segurança através da valorização de quem são e pelo incentivo de quem desejam ser.

É um programa de ação?
Isto não tem nada de novo nem de romântico. Passa por questões tão prosaicas como a diminuição do número de alunos por turma e da extensão dos programas curriculares, valorizando o trabalho autónomo de cada docente na gestão dos processos de ensino-aprendizagem, transmitindo-lhe confiança nas suas decisões – expressões singulares das concretizações de um projeto institucional coletivamente assumido. Agora, é claro, também podemos referir a necessidade de promoção do trabalho em equipa, de gestão curricular autónoma e flexível, de atualização constante e aprofundamento do conhecimento científico e didático; da promoção das escolas como comunidades educativas, das competências digitais e comunicacionais, etc. Mas nada substitui a alegria e a confiança contagiantes de um professor, decorrentes da valorização da sua profissão.

Que futuro para a profissão docente?
O mais simples é sempre o mais difícil de alcançar – espero, não passivamente, a devida valorização da profissão docente. No futuro como outrora, como sempre, ser professor não é ser técnico da educação, embora exija mestria e competência científica; não é ser animador, embora exija competências comunicacionais e de dinamização de grupos; não é ser gestor, embora a gestão de conflitos e de interesses seja uma constante... Ser professor exige tudo isso, mas, acima de tudo, o reconhecimento da necessidade constante de atualização e de aprofundamento e desenvolvimento de conhecimentos e competências que, através de atitudes reflexivas e partilhadas, promovam processos de formação mais colaborativos, potencializadores de uma profissão integradora, valorizada, reconhecida e, sobretudo, desejada.



PRECIOSA FERNANDES
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

SÃO MÚLTIPLOS OS DESAFIOS QUE SE COLOCAM À FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

No seu entender, que tipo de formação devem ter os professores?
Essa é uma questão vastíssima... Bom, nós estamos numa fase de transformação, de alterações de fundo no que diz respeito àqueles que são os desafios colocados à educação e à própria formação inicial de professores, que tem uma história. O momento, em 1997, em que se reconhece a licenciatura como o grau académico para todos os educadores e professores foi um marco fundamental na formação inicial de professores. Depois disso, as instituições de Ensino Superior tiveram de se reorganizar do ponto de vista dos seus planos de formação. Por outro lado, isso foi determinante no reconhecimento político e social que os professores passaram a ter. Todavia, logo a seguir a esta medida, que teve grande influência numa imagem social positiva dos professores e da formação de professores, temos alterações políticas que vêm influenciar esta imagem – estou a pensar, por exemplo, na avaliação de desempenho dos professores, que cria visões muito contraditórias e conflitos. Nesse período, criaram-se visões muito negativas dos professores que acabaram por conduzir a um êxodo dos estudantes, futuros professores, da profissão.

Uma fuga que se reflete nos dias de hoje...
Essa fuga da profissão docente levou à situação insustentável e incompreensível que hoje vivemos: não termos professores suficientes para responder às necessidades das escolas. O que também revela que não tem havido, por parte do poder político, uma regulação ao nível deste fenómeno. Estamos hoje perante uma situação problemática, que cria tensões nas escolas e, eu diria, também criou tensão à nova equipa governativa, nomeadamente quando lança a proposta de contratualizar professores que, estando nas escolas este ano com um horário completo, podem passar à situação de contratados no próximo ano. Se, por um lado, podemos ver aqui uma boa intencionalidade política, por outro, há, provavelmente, a emergência de uma nova desigualdade que não sei como vai ser resolvida. Todos estes aspetos vão ter reflexos na formação inicial. As instituições de Ensino Superior com responsabilidades na formação de professores têm de ter um papel de abertura, e até de marketing, no que diz respeito às políticas de estímulo à profissão, e parece-me que isso não tem havido muito... Porque as instituições também se têm confrontado com situações de emergência, nomeadamente, os planos de formação digital que hoje são exigidos aos professores; é uma necessidade premente no que diz respeito às escolas, a que os professores também não estão alheios, tendo sido metidos neste movimento de forma bastante abrupta. Portanto, o tipo de formação terá de atender àqueles que são os desafios em causa.

Que desafios são esses?
A transformação digital é, obviamente, uma vertente a que a formação tem de atender. A promoção de uma mentalidade orientada por uma visão de educação inclusiva, atenta à diversidade, é, também, um desafio a que a formação inicial tem de atender – nós sabemos que a nossa escola é uma 'escola inclusiva', por decreto; os futuros professores vão atuar nesta escola e, portanto, têm de ser trabalhados, do ponto de vista curricular e pedagógico, para, obviamente, estarem preparados para trabalhar em contextos ditos inclusivos. E depois um terceiro desafio... Aliás, estes desafios estão muito em linha com as recomendações do relatório da UNESCO «Reimaginar os nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação» (2021), de que António Nóvoa é um dos responsáveis, que chama a atenção para a importância de a figura do professor ser recolocada no centro da ação, enquanto importante ator na transformação social. Não individualmente, mas numa ideia de coletivo que se compromete na resposta aos problemas sociais com que a educação escolar se confronta. Esta ideia de trabalho colaborativo, de trabalho em rede, de que ser professor é, cada vez mais, uma profissão partilhada, assente num compromisso coletivo, é, eu diria, uma terceira vertente a que a formação de professores terá de atender. Os desafios são estes. A sociedade é hoje uma sociedade digital e a escola tem de estar preparada para isso. É uma sociedade multicultural e a escola tem de estar alinhada com esta visão. E também já sabemos que a escola não faz isso sozinha, portanto, a ideia de trabalho em rede e interdisciplinar é fundamental. Estes três pilares são essenciais para responder aos desafios que se colocam hoje às instituições educativas e de formação.

E que competências são hoje mais valorizadas?
As competências também sofrem algumas alterações, e o Processo de Bolonha aqui é central, porque introduz uma visão da formação muito mais centrada na perspetiva da aprendizagem do que no ensino; portanto, traz ao discurso educacional a importância do sujeito em formação como protagonista ativo na sua formação. Esse é, também, um desafio para quem forma – alterar a prática pedagógica no sentido de tornar os atores, futuros professores, protagonistas ativos na sua própria formação. Eles são sujeitos pensantes, com saberes, que têm uma trajetória, e é preciso que a formação inicial contemple esses saberes no desenvolvimento de novas competências, promovendo a sua participação, o seu pensamento crítico.
Portanto, há aqui uma exigência que se coloca à formação inicial de professores, aos formadores de professores, que é também eles se atualizarem, investirem no seu desenvolvimento profissional, na sua capacitação, no desenvolvimento das suas literacias, para responderem aos desafios da formação de sujeitos intervenientes, críticos, autónomos, cidadãos pensantes. E, para isso, do ponto de vista pedagógico, temos de ter uma prática pedagógica que permita a discussão, o diálogo, a colocação da dúvida, a resposta às curiosidades... Se isso não acontecer na formação inicial de professores, estaremos a formar para um perfil que replica uma pedagogia mais expositiva, mais tradicionalista.

Segundo o estudo 'Perfil académico e profissional de professores do Ensino Superior que asseguram a formação inicial de professores' (Edulog, 2022), um terço desses docentes responsáveis não têm formação no ramo educacional. Era uma situação previsível?
Não me surpreendeu este resultado. Creio que este estudo vai espoletar reflexões nas instituições, porque nós temos mais ou menos uma ideia de como se vão constituindo os corpos docentes das instituições de Ensino Superior. Só nos finais da década de 80, inícios de 90, é que a formação em Ciências da Educação passou a ser uma componente importante da formação de professores – por exemplo, só na década de 80 começa a haver mestrados na área das Ciências da Educação, e com componentes relacionadas com o currículo e as didáticas. Portanto, é razoável pensarmos que um terço pode não ter formação no ramo educacional... Isto é um dado a que as instituições têm de atender e aqui a A3ES [Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior] terá um papel importante, para promover uma reflexão interna ao nível da importância que esta componente da formação tem nos formadores de professores. Por exemplo, a Universidade do Porto tem um plano de formação pedagógica para docentes do Ensino Superior, só que, muitas vezes, são formações de curta duração... Aqui já estou a falar de formação contínua, de investimento no desenvolvimento profissional de cada um de nós.

Que também é importante...
É fundamental para todos os professores, sobretudo para os que não têm formação no ramo educacional. Com certeza que terão tido outras formações que os ajudam a colmatar dificuldades na sua ação educativa, mas isto para dizer que é importante que as instituições de Ensino Superior tenham uma política específica de formação pedagógica para os seus professores. Porque não é a formação inicial que nos capacita, que nos habilita para sermos professores; dá-nos uma quota parte de conhecimentos, promove competências, mas é no exercício diário da profissão e nas possibilidades de investir no desenvolvimento profissional, fazendo formações mais direcionadas para as nossas vulnerabilidades, para as nossas fragilidades, construindo espaços coletivos de partilha e reflexão entre pares, que vamos crescendo enquanto professores.

O Ministério da Educação pretende rever os modelos da formação inicial de professores. No seu entender, uma medida necessária e urgente?
Acho que é urgente. A minha perspetiva é, obviamente, em função da experiência que tenho na formação inicial de professores. Não sei quais as intenções do ministério nem onde quer intervir, mas parece-me importante 'mexer' não apenas na componente curricular, mas também ao nível da própria estrutura da formação. Na componente curricular é importante, por exemplo, a inclusão de disciplinas que potenciem o desenvolvimento de competências de literacia digital, da visão do mundo como um mundo multicultural e a ideia de que é preciso formar professores para uma educação inclusiva, para trabalhar colaborativamente. Do ponto de vista curricular e dos processos pedagógicos, a formação tem de criar condições para que os futuros professores se formem num perfil muito mais ativo, atento e partilhado, de intervenção corresponsabilizada. Ao nível da estrutura da formação, com o Processo de Bolonha, passámos a ter a ideia de professor generalista e de professor da formação específica. Dentro do professor generalista, Bolonha veio prever um conjunto de perfis; há perdas que aconteceram e é preciso recuperar. Num artigo que escrevemos há tempos, demos conta da alteração que houve no tempo de socialização dos futuros professores com a prática de docência; o dito estágio, que é preciso repor. É preciso que o ministério também intervenha a este nível e conceda de novo mais tempo ao tempo de socialização dos estudantes com a profissão. Portanto, na minha perspetiva, é preciso introduzir alterações a este nível, porque o mundo mudou, a sociedade mudou e as demandas sociais e políticas mudaram.

Sobre a falta de candidatos aos cursos de professores, por que motivos isto acontece?
Acho que tem a ver com vários fatores. Alguns, já os referi, como o facto de a profissão não ser socialmente reconhecida e ter sido politicamente muito maltratada num determinado tempo histórico recente, sobretudo, no período de Maria de Lurdes Rodrigues. Os jovens que estão a entrar no Ensino Superior não querem uma profissão que não é reconhecida, que não é valorizada, que não é bem paga. Depois, a perceção de que os professores andam uma vida com a "casa às costas"; uma perceção social verdadeira, porque há professores com 20 anos de serviço que ainda não estão contratados e continuam a mudar de escola todos os anos. Isto é uma particularidade da profissão de professor; isto afasta qualquer pessoa que não tenha um desejo e um gosto por esta profissão mais intrínseco; afasta-os na procura de outras profissões mais reconhecidas, mais valorizadas, que não requerem este investimento emocional, pessoal e económico... Porque os professores pagam todas as deslocações, os alojamentos – ninguém lhes dá nada. Isto são fatores que pesam na não opção por esta formação. Por isso, estou completamente de acordo com António Nóvoa quando chama a atenção para a importância do professor como principal agente de transformação social. Recolocar esta visão do professor na imagem social da profissão é fundamental para que a procura possa aumentar. Depois, há o aspeto da própria política das instituições, das lógicas de funcionamento, das dinâmicas de trabalho entre as instituições formadoras e as escolas cooperantes, porque, para entrarem na profissão, os professores têm de fazer um estágio e, para isso, têm de ter uma escola que os acolha. Esse trabalho é central, também, para que as escolas cooperantes se sintam reconhecidas e possam, elas próprias, fazer esta divulgação junto dos seus estudantes, que poderão vir a ser professores.

A terminar, o que espera do futuro da profissão docente?
Sou uma acérrima defensora da escola pública. Embora reconheça que a escola não pode fazer tudo sozinha para compensar os problemas sociais e que o professor não pode estar sozinho na enorme responsabilidade de educar, reconheço e estou completamente de acordo com António Nóvoa quando diz que o professor é um agente fundamental na

transformação das nossas sociedades. Tenho uma enorme crença que a formação inicial continue a formar professores que sejam esses agentes de transformação, mas, para isso, as instituições têm de repensar internamente os modelos pedagógicos que têm em curso e incrementar um trabalho de natureza mais ativa, de consideração dos futuros professores como sujeitos ativos na sua própria formação. Se queremos formar sujeitos pensantes, críticos, autónomos, intervenientes, que formem outros sujeitos pensantes, críticos, autónomos, intervenientes, temos de ser proativos nesse sentido e criar condições para isso. Eu confio na formação inicial de professores, ainda que reconheça que o mundo está em mudança e que os desafios que se colocam à educação e à formação inicial sejam múltiplos... Continuo a considerar que a formação inicial é essencial, mas também sei, por toda a minha experiência como docente, e também pela investigação que realizo, que nós, professores, não nos formamos apenas com a formação inicial; precisamos de um contínuo investimento no nosso desenvolvimento profissional. A formação contínua e todas as iniciativas de partilha de experiências e de reflexão entre pares são excelentes oportunidades para a melhoria das nossas práticas pedagógicas, mas esses espaços escasseiam cada vez mais.Falar sobre isto daria uma outra grande conversa...



ROSA ANTÓNIA FERREIRA

Diretora de mestrado (Ensino de Matemática), Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

MUITA ESPERANÇA NA ENERGIA E VONTADE DOS FUTUROS PROFESSORES

Que tipo de formação devem ter os professores? Os modelos de formação inicial vão ao encontro das necessidades da profissão?

Trabalho na Universidade do Porto, que é uma universidade clássica. O modelo de formação inicial de professores de Matemática, que conheço bem, é aqui muito colado ao ramo educacional das licenciaturas pré-Bolonha. Os estudantes fazem a licenciatura, concorrem ao mestrado e fazem um primeiro ano com algumas disciplinas da área da Didática, de formação geral e de Matemática, em que aprofundam a Matemática que irão trabalhar nas escolas com os alunos. No segundo ano, fazem o estágio pedagógico, vamos chamar-lhe assim. Agora chama-se Iniciação à Prática Profissional e inclui a prática de ensino supervisionada, que é o que antigamente se chamava estágio pedagógico. Uma particularidade no atual modelo (da FCUP) é o facto de, no ano de estágio, os estudantes também terem disciplinas. Os estudantes não estão focados apenas no trabalho de estágio – que, numa formação inicial de professores, é a cereja no topo do bolo; eles têm duas disciplinas "concorrentes" com o estágio no primeiro semestre. Não é que eu goste do modelo 'no primeiro ano vamos à teoria' e 'no segundo ano vamos à prática'. Acho que a prática, o ir à escola, as ações de observação, as experiências clínicas de ensino com a supervisão de professores nas escolas, o observar várias realidades escolares, devia começar logo no primeiro ano. Era o ideal. No Porto, utilizamos alguns materiais multimédia que incluem vídeos de aulas (focados para os estudantes perceberem o papel do aluno, o papel do professor, os desafios, etc.), entrevistas à professora dos vídeos, trabalhos dos alunos... É bom, e ajuda muito, mas não é a mesma coisa. Um aspeto importante, que a legislação veio tornar um bocadinho claro, é a componente da investigação, absolutamente necessária para melhorar os processos de ensino-aprendizagem; e os futuros professores devem ter contacto com a investigação e valorizá-la como algo importante na sua formação e na sua prática futura.

No seu entender, a que se deve a escassez de candidatos aos cursos que habilitam para a docência?

A profissão de professor tem vindo a ser desvalorizada pela sociedade. Ao contrário do que acontecia, não há muito tempo, não há respeito pela profissão. Os professores fazem imensa coisa que não tem nada a ver com o ensino, que lhes desvia a atenção e lhes tira tempo para o contacto com os alunos, com preparar aulas, etc. Têm uma carga horária super-elevada. Conheci professores em Singapura, com turmas grandes, com 40 alunos. Claro que é outra cultura, mas tinham 16 horas letivas e outras condições. No horário, têm horas para formação todas as semanas, horas para estar ao serviço dos alunos e trabalhar com eles na escola; tempo para receber os pais, para preparar aulas em conjunto... Não levam trabalho para casa, porque o horário permite-lhes trabalhar, preparar as coisas e refletir sobre aquilo que fazem no tempo

em que estão na escola... Nós queremos melhorar as aprendizagens, obviamente, mas não se podem fazer omeletes sem ovos. Antigamente era no início, agora é quase a vida toda com a casa às costas, a tapar buracos, e muitas vezes a pagar para trabalhar e ganhar tempo de serviço para subir um pouquinho na escala. Acho que é uma profissão mal paga para o trabalho que tem, excesso de trabalho e excesso de trabalho burocrático. A falta de emprego também fez fugir as pessoas. Poucos licenciados em Matemática têm considerado o ensino, exatamente pela falta de trabalho, pela instabilidade e pelo excesso de burocracia, e procuram outras atividades melhor pagas, com um horário de trabalho mais definido... Nós, como professores, a maior parte das vezes, não temos fins de semana, estamos a fazer outras coisas para a escola. E as pessoas fogem por esses motivos.

E então, como atrair as novas gerações para a docência?
Haver emprego é sempre um fator de atração. Mas é engraçado que, mesmo nestes anos de dificuldades de emprego, os poucos estudantes que fui tendo eram futuros professores com muita vontade de estar com as crianças, com sentido de missão, com aquela ideia de que teriam vocação para ajudar os jovens a aprender. A questão da empregabilidade é um aspeto que atrai, obviamente, mas acho também que é preciso melhorar as condições de trabalho para que a profissão seja atrativa, dar aos professores condições dignas, que lhes permitam, de facto, fazer um trabalho de qualidade. Os professores precisam de tempo para analisar o currículo, preparar as aulas, refletir sobre elas, escolher e preparar materiais, trocar ideias, trabalhar em conjunto no seu grupo disciplinar e com outros grupos disciplinares. O marketing das próprias instituições de Ensino Superior também é muito importante. Ultimamente, estudantes da Faculdade de Ciências têm pedido aos diretores de todos os mestrados – incluindo o de ensino – para fazerem pequenas apresentações para os estudantes da licenciatura. E notei uma diferença muito grande nestes dois anos: no ano passado, tinha muito pouca gente na sala virtual, mas houve esse esforço; este ano, foi presencial e eu tinha cerca de 30 pessoas a ouvir-me. Não quer dizer que todos se vão candidatar, mas o interesse em saber mais, a curiosidade em saber como é este mestrado, para que serve, etc., cresceu. Portanto, acho que é importante dar a conhecer, deitar abaixo certos mitos de que o mestrado em ensino só dá para dar aulas... Claro que, essencialmente, o mestrado é para formar professores, mas os professores também podem trabalhar noutros campos.

A falta de candidatos à profissão justifica que, no limite, se procurem professores sem formação adequada?
Isso é uma coisa que me traz angustiada. Tenho muito medo, mas também não sei como resolver. Porque não serve qualquer um. Não digo que não haja pessoas não professoras, ou que não têm formação em didática, que tenham uma espécie de talento natural para trabalhar com os alunos... Mas isso não chega. O meu maior medo é que aconteça o que aconteceu há uns anos, em que alguém com uma licenciatura noutra área pense: 'se não arranjo emprego aqui, vou dar umas aulas'... Debitar matéria, no caso da Matemática, é dramático; não é ensinar Matemática. As novas aprendizagens essenciais exigem um professor com formação em Matemática e Didática da Matemática. Porque se não a tiverem, nem sequer são capazes de entender as orientações curriculares, nem o que se pretende com desenvolver a comunicação matemática, o poder de argumentação dos alunos, a capacidade de resolução de problemas nas suas várias etapas, estabelecer conexões entre representações... A atual formação de professores, com um ano de algumas cadeiras de Didática, dá os primeiros passos; pelo menos, dá umas luzes, põe as pessoas a perceber as orientações curriculares, o que a investigação aponta como formas de trabalhar com os alunos, levando-os a aprender com compreensão. Para mim, essa formação é essencial.

E a questão da profissionalização em exercício?
Fala-se muito da profissionalização em exercício, mas quem vai orientar essa profissionalização? De que modo nós, formadores de professores na formação inicial, instituições de Ensino Superior, podemos acompanhar e coordenar essa formação, de modo a que ela vá, de facto, ao encontro do que a investigação recomenda? No momento, nós, instituições de Ensino Superior, escolhemos os orientadores de estágio, ao contrário do que acontecia antes de Bolonha. Não sei como fazem os meus colegas, mas sei como faço e o que procuro num orientador de estágio, que vai introduzir o futuro professor na sala de aula – é uma pessoa marcante na vida de qualquer futuro professor. Procuro orientadores que, na sua prática e nas suas conceções, estejam alinhados com a investigação e as recomendações da investigação para o ensino da Matemática, que agora estão absolutamente de acordo com o PASEO [Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória], as novas aprendizagens essenciais, a autonomia e flexibilidade curricular; portanto, com as grandes medidas que estão em vigor. Procuro isso e uma distribuição geográfica de orientadores cooperantes que também vá ao encontro das necessidades dos estudantes, quando possível. A minha preocupação é que a profissionalização em exercício seja feita com quem não tenha necessariamente a prática, a conceção, que deveria ter para ser um bom "contaminante de práticas". É esse o meu medo. Como é que as instituições de Ensino Superior podem colaborar para evitar que esse perigo aconteça? Não sei, mas acredito que se vá encontrar uma forma.

Que desafios existem hoje para a classe docente, que não existiam antes? Que conhecimentos e competências são mais valorizados?
A questão das competências digitais é uma questão premente. Por exemplo, ninguém consegue usar o GeoGebra numa aula sem conhecer o programa em si, sem saber trabalhar com a tecnologia. Ou seja, há aqui dois níveis: conhecer os programas e navegar neles para consumo próprio; outra coisa é utilizá-los no ensino. São duas competências diferentes e acho que está a ser dada mais prioridade à primeira, com o foco na tecnologia em si e não como apoio do processo ensino-aprendizagem. Outro desafio é os professores apropriarem-se das orientações curriculares e terem tempo e condições para fazer viver na escola aquilo que está alinhado nos documentos portugueses – PASEO, estratégia nacional para a cidadania, aprendizagens essenciais... É preciso fazê-los viver. Um desafio imenso é a avaliação das aprendizagens. Nós temos em curso o MAIA [projeto de Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação], que precisa de tempo para as pessoas se irem habituando às coisas e percebendo como fazer; se não, o projeto reflete-se apenas nas grelhas excessivas de avaliação, que é tudo menos o projeto!

O que espera do futuro da profissão docente?
Às vezes fico muito zangada com as coisas que acontecem, mas quando entro numa sala com futuros professores, pessoas que querem ser professores, essas nuvens negras saem. Quando chegam à escola e começam a contactar com as crianças e adolescentes, os meus estudantes sofrem já na pele os desafios, mas vêm cheios de energia e de vontade de melhorar a escola, de ajudar as crianças a aprender. Acho que isto é essencial. Portanto, tenho muita esperança. Tenho pena que alguns professores se tenham perdido, porque não havia emprego e, por isso, nem equacionaram esta carreira – de certeza que se perdeu muita gente boa, porque há muita gente com esta vontade, com este brilhozinho nos olhos, que dá a volta ao inferno para chegar às crianças, para as motivar, para as trazer para o nosso lado. Eu continuo a ter esperança. Nos últimos anos tenho trabalhado com poucos futuros professores, mas alguns são fabulosos e cheios de

energia, com muita vontade de chegar às crianças e de as fazer entender que a Matemática é gira, que está ao alcance delas, que se consegue entender e que lhes vai abrir muitas portas. Continuo a ter esperança, mas também sou realista e o meu medo é que haja um ‘vale tudo’, um ‘mais vale assim do que nada’...